

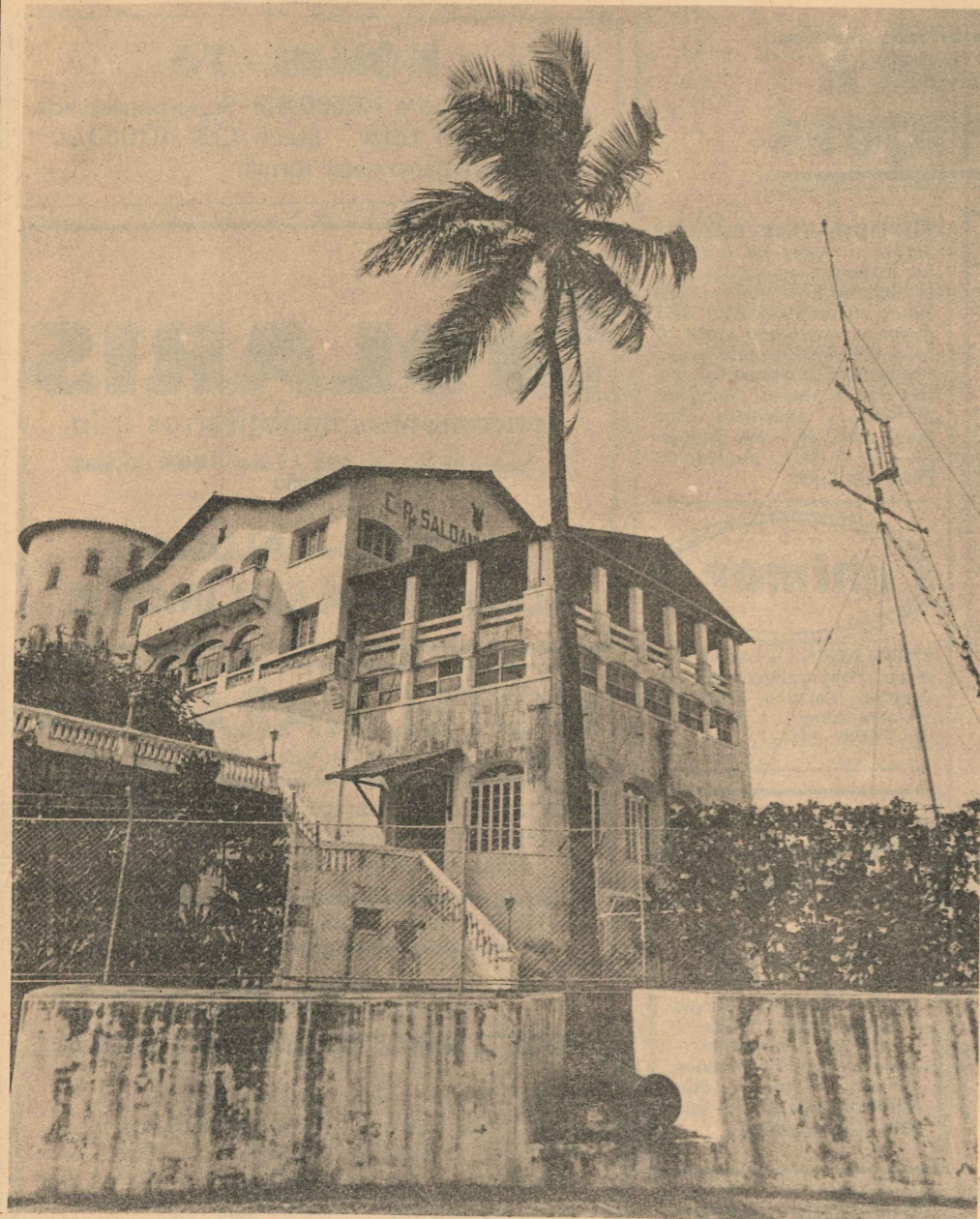
# A TRIBUNA

2o. Caderno

Vitória,

Não pode ser vendido separadamente

sábado, 12 de fevereiro de 1977



## Um passado histórico e um futuro incerto

Para alguns, ele já perdeu seu sentido histórico. Não chegou sequer a ser tombado pelo Patrimônio do Instituto Histórico Nacional. Mas agora, o Forte de São João está ameaçado de se transformar em apenas um registro da memória da cidade. No local onde se travaram as lutas contra o corsário inglês Thomas Cavendish (1592), e os fiéis súditos da Coroa Portuguesa impediram a entrada dos holandeses, em 1640, serão iniciadas, dentro de 15 dias, as obras de construção do novo espigão da imobiliária Vimcap. Naturalmente, existem ainda aqueles que lutam para manter intacto o pouco que resta dos monumentos de Vitória. E como os apelos começaram a surgir de todos os lados, mesmo dos moradores do local, o prefeito Setembrino Pelissari ainda não decidiu se cederá ou não o terreno do Forte para a construção dos 18 andares do prédio Fernão de Magalhães, cujos apartamentos deverão custar até Cr\$ 800 mil. É a velha luta da tradição contra o progresso. E nela, os políticos e administradores

se manifestam. O diretor do Departamento de Obras da Prefeitura, engenheiro Olavo Machado de Vasconcelos considera "esteticamente criminosa" a construção do edifício. Mas, no seu entender, "há muito tempo o Forte de São João deixou de ter valor histórico. Na época em que o Patrimônio Histórico poderia fazer o tombamento, não o fez. (...) A vista do Penedo, naturalmente, ficará obstruída. Mas o que se pode fazer se a lei que encontramos está sendo observada e não tem caráter retroativo?". O diretor do Clube Saldanha da Gama, entidade que vendeu um local para a construtora por Cr\$ 240 mil, já saldados, disse que "o Forte está sendo preservado pelo próprio clube, sem a ajuda de ninguém, e se fosse determinado o tombamento do local, seríamos os primeiros a aprovar. Quanto à construção do prédio, não podemos fazer nada, isto é com a Prefeitura Municipal de Vitória". Enquanto isto, impassíveis, mirados para a avenida Beira-Mar, os antigos canhões esperam a decisão do seu destino.

# Em defesa da vila

A Capitania do Espírito Santo, em 1631, tinha instalado, em seus domínios, os fortes de São Marcos, São Miguel, São Thiago e São Lucas (ou São Maurício). Os documentos dessa época não falam no Forte São João, porém tudo indica que este levava o nome de São Miguel, pela coincidência da localização de ambos. Aliás, o Forte São João só levou este nome em 1678, época em que se deu também a construção do Forte São Francisco Xavier, através do donatário Francisco Gil de Araújo, que acabava de adquirir a Capitania pela importância de 40 mil cruzeiros.

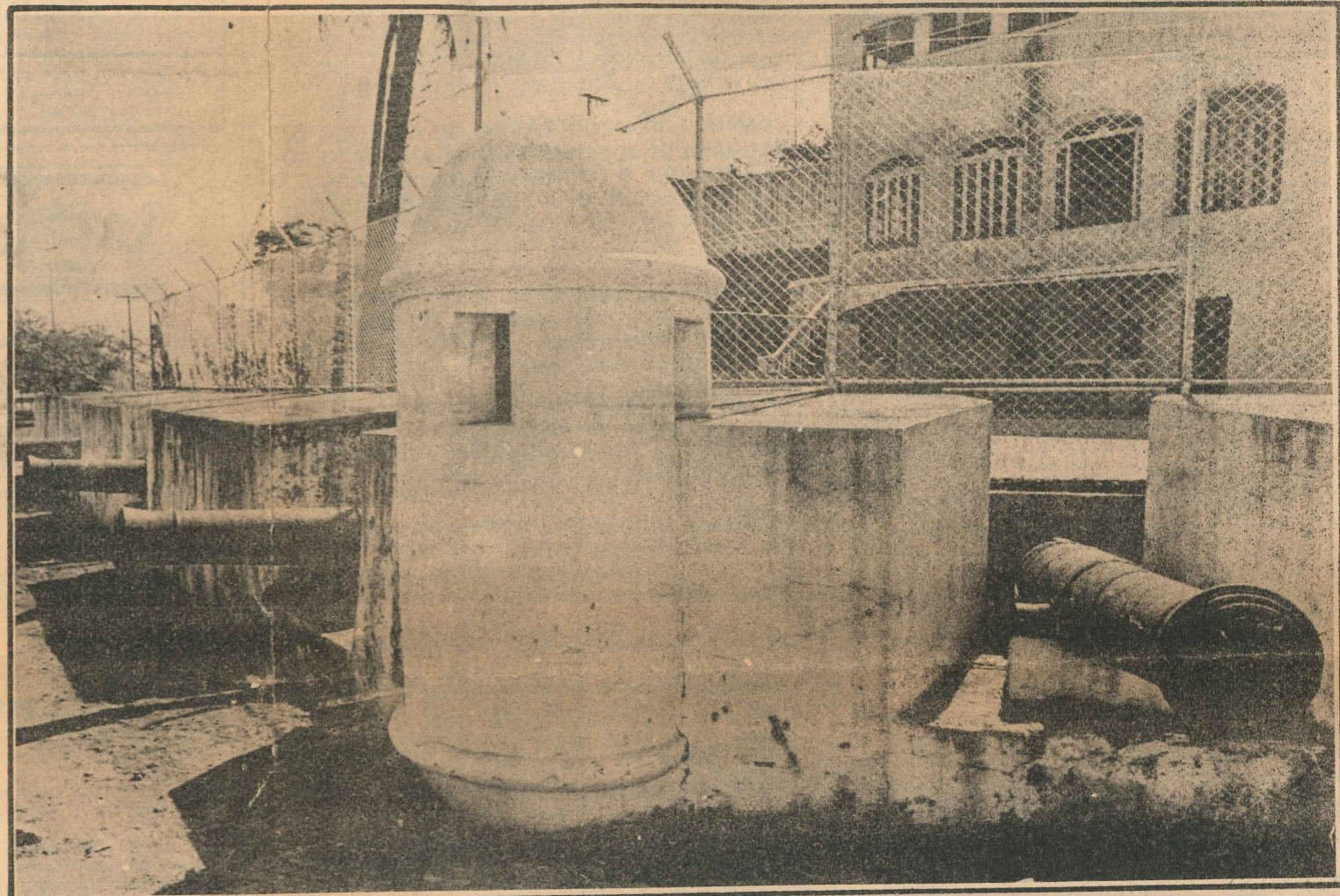
“O Forte de São Francisco Xavier possui forma de laranja, com diâmetro de 80 palmos e circunferência de 240 metros, com a muralha possuindo 12 palmos de altura, muralha

de Manoel de Moraes, esclarecendo que “O Forte de São Francisco Xavier à entrada da barra, em sítio muito conveniente é da melhor segurança, pelo qual não é possível poder passar embarcação sem grande risco”.

Em documento assinado por Nicolau de Abreu e datado de 1726, as fortificações então existentes obedeciam às seguintes localizações: Fortaleza de São João, na garganta que faz a baía acima da vila; Nossa Senhora do Carmo, entre o cais grande e a Praia do Peixe, na marinha da cidade, dentro da cerca que foi dos regulares jesuítas; do Souza, na margem e na boca real do “Giparanã” que chamam de Barra Seca; o de São Fernando Portugal, construído para evitar extravios de ouro e diamantes; o de São Francisco Xavier, na boca da barra, na locali-

Thiago”, “Santo Inácio”, “São Lucas”, “São Maurício”, “São João”, “Nossa Senhora do Monte do Carmo”, “São Francisco Xavier”, da “Ilha do Boi”, do “Souza” e de “São Fernando de Portugal” – todos eles localizados dentro da vila de Vitória, vila do Espírito Santo, e dos quais restaram apenas o de “São João”, onde o Clube de Regatas Saldanha da Gama tem hoje sua sede, e o de “São Francisco de Xavier, onde se encontra instalado o Comando do 38o. Batalhão de Infantaria, em Piratininga. O “Forte de Nossa Senhora do Carmo” foi derrubado, não faz muito tempo, para dar lugar à abertura da Rua da Alfândega.

Desses últimos, vamos encontrar apenas umas poucas paredes e uns poucos canhões, muito embora o de Piratininga conserve muito do que foi origi-

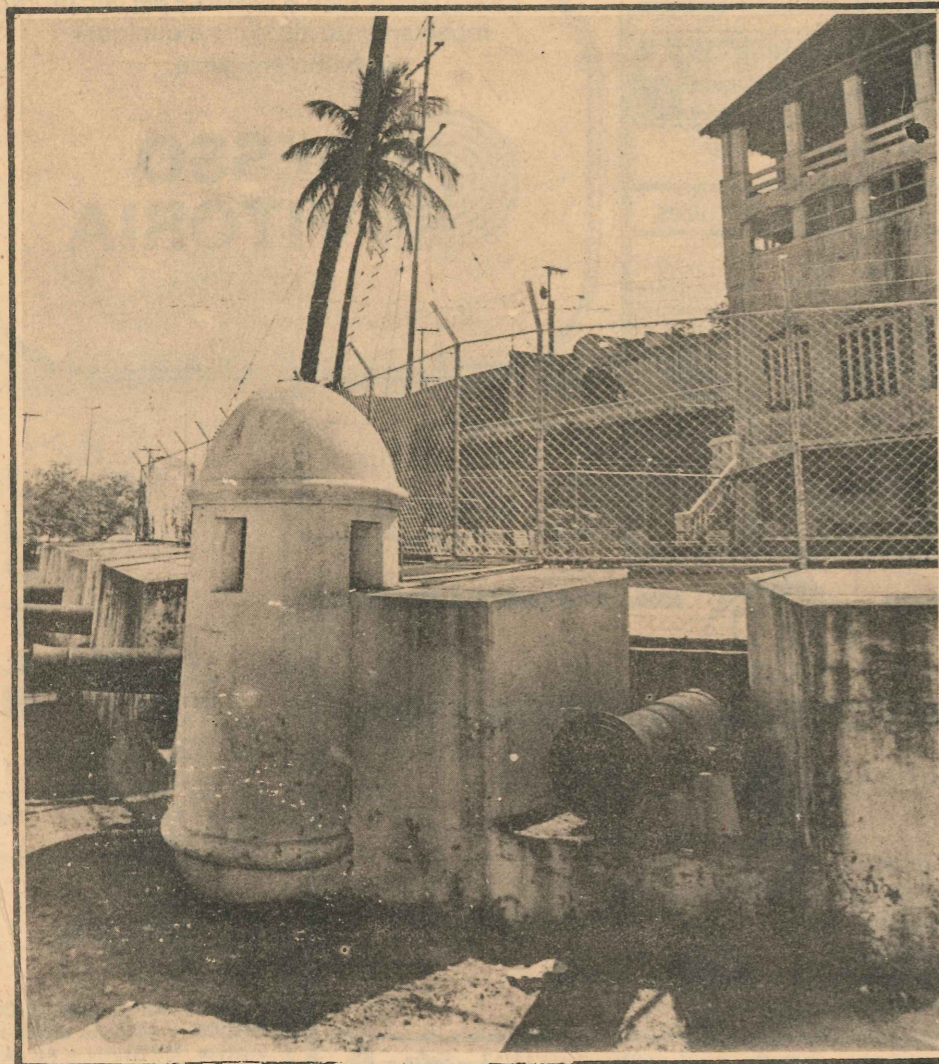


palmas de altura, muralha fortíssima pois nasce entre grandes penedos e nos mesmos continua até o lajeado e daí sobe nove palmos de grosso, com alojamento para 33 soldados, seis artilheiros e um destável, tendo oito peças cavalgadas”, diz o relatório feito em 1682 pelo prove-

na boca da barra, na localidade de Piratininga e a Fortaleza da Ilha do Boi, na entrada da barra.

O Estado do Espírito Santo possuiu em seus domínios, sem sombra de dúvida, uma grande quantidade de fortes — “São Marcos”, “São Miguel”, “São

ve muito do que foi originalmente construído por Francisco Gil de Araújo, enquanto o de São João — que não foi sequer tombado pelo Patrimônio Histórico — mesmo mantendo somente alguns resquícios do que fora uma bela obra arquitetônica, merece ser mantido e respeitado.



O amanhecer de 7 de fevereiro de 1592 encontrou a população da humilde vila de Vitória em pânico. Essa data, que nada representava de especial para a localidade, acabava de ingressar inevitavelmente em sua história. O fato era anunciado pela presença de maus estrangeiros, facilmente avistáveis de um posto de observação instalado no Morro do Vigia.

Seis navios comandados pelo corsário da nobreza inglesa, Thomas Cavendish, cujo Governo tinha como objetivo principal pilhar localidades sob o domínio da coroa espanhola, estavam ancorados ao largo do Morro do Moreno. As naus, conhecidas como: “Desiré”, “Daintie”, “Rouback” e “Black Pinese”, aparentemente só aguardavam o instante de serem impulsionadas para a vila, criando condições ideais para o desfecho do ataque.

O movimento no povoado era intenso e angustiante. Mulheres escondiam os seus objetos de valor, como também puxavam seus filhos para os abundantes matagais que existiam no local. Os homens, por sua vez, tratavam de tomar todas as providências possíveis para se defender da iminente invasão.

No entanto, os corsários planejavam avançar pela noite. Mas, nem esta medida de precaução lhes valeu, pois eles seriam bravamente rechaçados graças, sobretudo, à valentia de guerreiros indígenas comandados pelo cacique Japi-Açu, da tribo dos Goitacases, e pela inteligência do capitão Azeredo, o primeiro assessor do Governo de Luiza Grimaldi, que assumira o poder três anos antes, em 1589, em lugar do seu ex-marido e donatário da Capitania do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho.

Foi nesta oportunidade que os defensores foram obrigados a improvisar, de emergência, dois fortins de pedra e taipa, ocultos pela vegetação no estreito da baía: um na base do Penedo e outro no Morro do Vigia, onde mais tarde se construiu o Forte São João, a fortaleza que por muito tempo garantiu a defesa da vila de Vitória.



Coube a João Ferrão Castelo Branco a construção oficial do Forte São João em 1702. Por esta época, o governador-geral era Dom Rodrigo da Costa que, preocupado com as defesas das capitanias, determinou reforços em todas as fortalezas e fortins que oferecessem possibilidades de garantir a segurança do local. Assim, o Forte São João recebeu mais 16 bocas de fogo, totalizando 28 canhões em suas dependências, sendo que alguns deles até os dias atuais decoram a parte inferior do Clube Saldanha da Gama.

### Importância

A importância militar da fortaleza de São João, tanto pelo seu aspecto estratégico, como pelo ângulo de defesa econômica, com o passar do tempo viria a se manifestar, inclusive no que diz respeito ao ataque da esquadra holandesa, sob comando do almirante Koin e do conselheiro Newland, sem dúvida o mais encarniçado combate de que foi palco o histórico local.

Em 1637, o governador-geral do Brasil ordenou o envio de munições e artilharias para a vila de Vitória. Essa prevenção fora dada em consequência de um aviso proveniente da Coroa, alertando quanto à possibilidade de novos ataques da esquadra holandesa, orientada pelo almirante Pieter Heyn. Foi nomeado Marcos de Torres para o posto de capitão de artilharia do Espírito Santo.

Logo após, no dia 27 de outubro daquele ano, a esquadra holandesa atacou dois navios, na Barra da Baía de Vitória, carregados de açúcar e os pilhou. Dando sequência à agressão, os estrangeiros penetraram um pouco mais, pensando alcançar o porto da vila, de onde poderiam alcançar o seu objetivo maior, a rica Minas Gerais. Porém, foram bloqueados pelos canhões do Forte São João e obrigados a retornar à Barra.

Posteriormente, os holandeses retornaram em lanchões, transportando cerca de setecentos homens. Estes desembarcaram no antigo Porto de Roças Velhas (mais tarde Porto dos Padres), no final da extinta Rua do Comércio, dividindo suas forças em duas colunas que se espalharam pela vila.

Seguiu-se vários combates de corpo a corpo. Os homens da vila de Vitória, comandados pelo capitão João Guedes, ofereceram séria resistência e os holandeses foram novamente banidos. Nesta luta, em que o solo capixaba ficou coberto de cadáveres, distinguiram-se os capitães Antonio do Couto de Almeida e Domingos Cardoso. Os padres Francisco Gonçalves Rios e Geraldo dos Santos tiveram papéis preponderantes na batalha, incitando o povo à defesa e repicando os sinos durante as lutas.

Os navios holandeses de grande porte foram obrigados a se manter fora da Barra. Eles guardavam a munição que faltou aos invasores. Este fato foi essencial para o resultado final. Os holandeses não tiveram outra alternativa que não fosse bater em retirada, com mais da metade da guarnição abatida, graças ao papel crucial do Forte São João no decorrer dos combates.